

CONVERSA BREVE

HOJE

Irmão Jesus nos abençoe. Ano novo, trabalho recomeçado... É a bênção de Deus que se refaz na bênção das horas. Valorizemos, por isso, o tempo que se chama hoje.

Hoje é o sol, a vida, a possibilidade, a esperança... Ontem, é o dia que se foi. Amanhã, é o dia que virá. Hoje, contudo, é o tempo que está conosco.

a nossa oportunidade de erguer o pensamento a mais altos níveis, de conquistar a felicidade das obrigações bem cumpridas, de proclamar a boa-vontade para com todos e estender as mãos aos semelhantes...

Hoje, é o momento de renovar o coração, varrendo a ferrugem da ociosidade, expulsando o vinagre do de sencanto, extinguindo o bolor da tristeza e pulverizando o caruncho do desânimo.

Hoje, é o dia de sorrir para a dificuldade e ajudar com alegria.

Levanta-te, luta e vive, porque Hoje é o momento em que o Senhor lança à Terra a escada luminosa do traba lho para que lhe escalemos os degraus, ao encontro dele, em pleno Céu...

Ne8te ponto da 8ua dis8bertação, Meimei fez uma pausa expressiva e continuou logo após:

Com esta saudação, desejamos a todos os companhei ros paz e bom ânimo, no campo de fraternidade e serviço que nos foi concedido a lavar. E, ainda sobre o Tempo, pedimos alguns instantes de auxílio silencioso, para que possamos ouvir a palavra do nosso amigo Luiz Pistarini, que faz ao nosso grupo, nesta noite, uma visita de gen tileza e carinho.

Em breves segundos, a expressão facial do médium modificou-se. O grande poeta fluminense, utilizando-lhe as faculdades, levantou-se e, com voz cheia e comovi da, falou-nos:

Amigos, visitando-vos o núcleo de Evangelho, trago-vos esta singela página do coração:

O anjo da morte entrara, belo e puro...

E, ostentando nas mãos um facho aceso,

Disse-me ao coração triste e surpreso:

— Pobre amigo! é a ti mesmo que eu procuro!...

A memória rompera estranho muro.

A sós comigo, exânime e indefeso,

Regressei ao passado e vi-me preso

Às ansiedades do caminho escuro.

Amores e ambições... penas e abrolhos...

E o pranto que jorrava de meus olhos

Banhou-me a fria máscara de cera.

Mas na sombra abismal do último dia, Não chorava a existência que fugia; Em vão, chorava o tempo que perdera... Luis Pistarini"

Recordando esta página do livro **INSTRUÇÕES PSICOFÔNICAS**, nossa sugestão para reflexão do leitor neste janeiro de 2002.

SÉRIE ENCONTRO COM CHICO E DIVALDO

III - MÉDIUM

Ainda o médium. São tantas as dúvidas existentes sobre o tema que resolvemos ampliar a abordagem do mesmo.

Dentro desta série, os leitores vão se inteirar das opiniões de Francisco Candido Xavier e Divaldo Pereira Franco a respeito de ângulos diversos da questão.

Com a palavra, portanto, os dois valorosos líderes.

O que é desenvolver mediunidade no conceito de Emmanuel?

Chico Xavier - Ele crê que desenvolvimento mediúnico deveria ser a nossa dedicação ao aperfeiçoamento pessoal para servirmos de intérpretes àqueles que habitam a vida espiritual e, ao mesmo tempo, começar muito cedo o trabalho na pauta da obediência e da fé de que todos carecemos perante as Leis de Deus.

A disritmia é problema mediúnico?

Divaldo - Para nós, espíritas, na questão das enfermidades de qualquer porte, o problema é sempre o Espírito encarnado. No processo da fecundação, quando o Espírito começa a moldar o corpo de que tem necessidade para evoluir — porque o corpo é moldado conforme o mérito ou demérito de cada um — encontram-se em gérmen as futuras necessidades do seu processo de crescimento. Na problemática das disritmias cerebrais, a atuação do psiquismo do Espírito reencarnante sobre a matéria em formação cria o desajuste que mais tarde se apresentará em forma de lesões ou descompensações vibratórias. Como todos temos um passado, estamos, por isso mesmo, vinculados aos nossos atos pretéritos. Aqueles a quem prejudicamos, encontram em nós as matrizes do débito, a fim de que estejam vinculados à nossa necessidade de ressarcimento, atraindo-os, inevitavelmente, à cobrança, quando evolutivamente são iguais a nós. Se forem melho-

res do que nós, não nos cobrarão nada. Pelo perdão que nos doam, libertam-se, deixando que resgatemos nossa dívida por outros meios. O problema é normalmente psiquiátrico, mas também sofre carga obsessiva. Pode ser psiquiátrico ou neurológico, porque de ordem cerebral, necessitando de uma terapêutica própria. E obsessivo ou mediúnico porque, havendo a dívida e o cobrador por perto, estabelece-se um clima de obsessão. Se a pessoa recebe a terapia espírita, e dispõe-se à prática do Bem, à auto-terapia, libertar-se-á do processo disrítico, porque iluminará o seu perseguidor — sua vítima de ontem — e resgatará as suas dívidas perante a Consciência Cósmica. A Lei não é de cobrança; é de retificação dos erros. Se eu pratiquei um mal e começo a fazer um grande Bem, o Bem que eu faço anula o mal que eu fiz, deixando-me quite. Existe, portanto, uma injunção de natureza físico-psicológica, quanto de natureza mediúnica, no problema das disritmias, necessitando de tratamento médico especializado e espiritual cuidadoso.

O que acontece para uma pessoa que se recusa a desenvolver sua mediunidade, já que esta mediunidade pode ajudar muitas pessoas? Haverá algum castigo ou cobrança?

Chico Xavier - Energias que não doamos podem ser fator de desequilíbrio em nossas vidas. Nossa consciência, em geral, nos cobra uma atitude perante as tarefas que nos

cabem. Praticando o Bem em qualquer parte, estaremos colocando nossa mediunidade a serviço de todos. André Luiz afirma: “*Todo bem que não se faz é um mal que se pratica.*”

Diz-se, no Espiritismo, que todos temos mediunidade e medo disso. Por quê?

Divaldo - Por ignorar o que é a mediunidade, por um mecanismo de defesa, através do qual o indivíduo, embora cientificado das possibilidades mediúnicas, bloqueia as fontes daqueles registros psíquicos para acomodar-se ao imediatismo.

Quais são os principais sintomas, tanto físicos quanto psicológicos, que a pessoa apresenta para que diagnostique-se mediunidade acentuada?

Chico Xavier - Os sintomas podem ser variados, de acordo com o tipo de mediunidade. Irritabilidade, sonolência sem motivo, dores sem diagnóstico definido, mau humor e choro inexplicável podem indicar necessidade de esclarecimento e estudo.

Divaldo, quando um médium pode saber se realmente tem um compromisso mediúnico e que compromisso lhe traz essa mediunidade?

Divaldo - Através de sua predisposição. A mediunidade induz o indivíduo a uma posição consciente perante a vida, desde que esta seja pautada em linhas de equilíbrio moral. Então ele passa a receber intuições vigorosas que o impelem a atitudes positivas em relação ao próximo. Aparece de início, como lampejo de um ideal, como reminiscência de tarefas que ficaram interrompidas ou como uma verdadeira impulsão para realizar determinados compromissos a benefício da criatura humana. À medida que mergulha no mundo interior, desdobram-se-lhe as possibilidades e os Espíritos o conduzem a que execute a tarefa que, a pouco e pouco, lhe

vai sendo inspirada e conduzida. A mediunidade é uma faculdade paranormal, e todos podemos experimentar fenômenos que não são habituais, não comuns. Quando estes fenômenos especiais transcendem ao habitual refletem características de mediunidade, tais: percepção de presenças, visões e audições psíquicas, que seriam denominados como alucinações psicológicas por psiquiatras desconhecedores da mediunidade...

Como saber distinguir efeitos mediúnicos de doença física? Por exemplo: as dores de cabeça e de estômago.

Chico Xavier - A segurança em distinguir efeitos da mediunidade de sintomas de doenças físicas, só pode ser alcançada com a educação da própria mediunidade. O ideal é que inicialmente se procure um médico para certificar-se que o mal não é físico e, uma vez confirmada a inexistência de doença, deve-se procurar a orientação espiritual.

Fale-nos, se possível, acerca dos débitos do médium que vende sua mediunidade.

Divaldo - A tradição concebeu uma palavra, “simonia”, como sendo a da venda das coisas sagradas. Na mediunidade, particularmente entre nós, na Terra do Cruzeiro, seguindo a recomendação de dar **de graça o que de graça recebemos**, o exercício da mediunidade não pode ter outra conotação senão a da gratuidade. Convém consignar aqui que a venda de recursos mediúnicos não se consuma exclusivamente por dinheiro, porque se pode trocá-la por presentes, por concessões, pelo envaidecimento e por várias outras modalidades mais ou menos sob disfarce. Nós, médiuns, devemos acautelar-nos constantemente contra os perigos da simonia indireta, inclusive para com aqueles que fazem parte do nosso círculo íntimo, ou os que nos propiciam con-

COMUNICAÇÃO

forto e facilidades. “Lembro-me aqui de um querido confrade, médium seguro, que exerceu a mediunidade caritativa por largos anos numa modesta construção no fundo do quintal de sua casa. Este homem de vida santificada carregava uma prova dolorosa, a esposa era alienada mental, a filha sofria de ataques epiléticos e o filho vivia atormentado por Espíritos vingativos. Granjeava recursos para a ‘manutenção daquele lar com a execução de modestos serviços em profissão humilde, que ele executava em sua casa mesmo. Um dia, após atender pessoa portadora de um problema muito grave, notou que tal pessoa deixara boa soma de dinheiro num envelope aberto em cima da mesa, retirando-se em seguida. Levantou-se às carreiras e foi ter com a pessoa: “- Senhor, acho que esqueceu este dinheiro na mesa em que trabalho”. Resposta do doador: “- Não, não esqueci. Percebi que o senhor tem problemas financeiros e de saúde de seus familiares, e como disponho de muitos recursos quis ajudá-lo a amenizar as dificuldades com que se defronta”.

“— Não, bondoso amigo, não posso aceitar.

“— Mas por que não pode, o senhor não me pediu nada, estou dando é para sua família,

sua esposa doente e os filhos enfermos. Com este dinheiro o senhor pode minorar o sofrimento deles”.

“— Perdoe-me se não consigo fazer-me entender. Se minha mulher e meus filhos estão ao meu lado passando provações e vicissitudes, é porque deviam às justas Leis Divinas que nos levam ao resgate para nosso benefício. Por favor, não insista, não destrua num segundo o que levei 30 anos para edificar”.

Dito isto passou o envelope para as mãos do doador e voltou ao barraco onde exercia a mediunidade com verdadeiro amor e santidade.

FONTE

Silveira, Adelino; **KARDEC PROSSEGUE**, ed. UNIÃO, questão 1

Baccelli, C.A.; DIVALDO. **FRANCO** em **UBERABA**, ed. ALVORADA; questão 2

Xavier, F.C e Emmanuel (Espírito), **PLANTÃO DE RESPOSTAS**, ed. UNIÃO, questões 3,5,7

Franco, Divaldo P; **ELUCIDAÇÕES ESPIRITAS**, ed. ALVORADA, questão 4

Franco Divaldo P. **VIAGENS E ENTREVISTAS**; ed. ALVORADA; questão 6

Franco Divaldo P, e Fernando Worm; **MOLDANDO O TERCEIRO MILÊNIO**, ed. ALVORADA, questão 8

EMMANUEL E A COMUNICAÇÃO

“Enquanto houver um gemido na paisagem em que nos movimentamos, não será ilícito cogitar da felicidade isolada para nós mesmos”.

“O programa do feminismo não é o da exclusão da dependência da mulher: deve ser o da compreensão dos seus grandes deveres. Dentro da natureza, as linhas determinadas pelos desígnios insondáveis de Deus não se mudam, sob a influência do ilimitado arbítrio humano; e a mulher não pode transformar o complexo estrutural de seu organismo”.

A VIOLÊNCIA URBANA

Celso Martins

Podemos dizer, sem medo de errar, ter sempre existido no mundo a violência. Se formos dar crédito ao texto bíblico, ela teria começo quando Caim matou o irmão Abel. Aliás, a Bíblia é um farto e doloroso exemplário de atos violentos ao longo dos séculos. Culminou com a flagelação e a crucificação de Jesus. A História da Humanidade nos exhibe a eterna luta da fome de muitos contra a indiferença de uns poucos, que não vacilam em sugar o sangue, o suor, a lágrima do semelhante, deste estado de coisas resultando, não raro, ondas de violência, de revolta, de inconformação, de rebelião, de guerra. Tudo isso não passa de uma forma cruel de violência, sob diversas modalidades, massacrando o direito do próximo, apesar — é bom que se ressalte isto também! — de sempre ter aparecido gente que lutasse muito em prol de uma ordem social mais justa, disciplinando as relações sociais, inclusive através de órgãos supranacionais, como a atual ONU e a UNESCO, no sentido de instalar, na Terra, sem mais tardança, um ambiente de compreensão e de entendimento, neste supremo anseio de tantos sábios, mártires, santos e heróis de todos os tempos. A propósito, ver em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, nº 932 como tal questão é enfocada.

Pensando bem, a própria poluição ambiental com a destruição do ecümeno, comprometendo seriamente os ecossistemas, e, de resto, a qualidade de vida à face da Terra, não passa de uma insidiosa forma de violência. É a violência contra a Natureza, na qual estamos inseridos.

1) Violência Urbana

Nos últimos anos, no entanto, uma modalidade de violência, bem caracterizada, tem-se intensificado muito, mas muito mesmo, nos centros urbanos, configurada tragicamente em termos de assaltos à mão armada a bancos e estabelecimentos comerciais, seqüestros de aviões em pleno vôo, invasões de embaixadas com reféns aprisionados. Dispensamo-nos de maiores detalhes. O leitor os conhece de cor e salteado através do noticiário dos jornais, das revistas, das emissoras de rádio, das estações de tevê.. Um tredo saldo de mortos e feridos; de um lado a polícia, o pacato chefe de família, gente humilde sempre levando a pior, e doutra parte os agitadores, os terroristas, semeando a dor, o luto, a orfandade, a viuvez.

Quer dizer, uma forma menor (embora em escalada crescente!) dentro de um contexto maior, na longa História da Humanidade...

Claro que nem tudo são desesperanças. A vida não seria (como já filosofava o pensador francês Jean Paul Sartre) uma paixão inútil! Tão inútil que nem valeria a pena de ser vivida! Não é bem assim, não! Graças a Deus há exceções gratificantes. E ai de nós se elas não existissem... Enquanto a prepotência de uns esmaga as esperanças dos pequeninos, há, sim, criaturas admiráveis que se desdobram em prol do bem comum na esplendente atividade do serviço anônimo em favor do semelhante. Enquanto alguns tentam destruir, muitos outros lutam afanosamente na construção de um mundo de maior entendimento e maior compreensão mútua. Ignorar esta realidade é dar prova de miopia ou ser injusto para com os seareiros da paz! Pena seja, no entanto, que tais esforços ainda não sejam bem coordenados, estão um tanto dispersos, a fim de que possam fazer-se mais concretos e atuantes em seus efeitos benéficos para toda a Humanidade. Não padece dúvida que este esforço para o Bem é a intervenção indireta da assistência do Alto,

dos nossos companheiros do Grande Além, levando e elevando os homens que chafurdamos na lama de nossas imperfeições para patamares mais amplos da luz! Outro detalhe vem outra vez em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** nº 784. (Pedimos ao leitor o obséquio de tomar deste livro de Kardec e fazer a devida consulta, meditando sobre o que o Codificador nos legou nesta obra básica do Espiritismo).

2) Causas da Violência Urbana

Diversas são as causas que convergem e tornam o homem mais violento. De escantilhão veremos algumas apenas.

a) Causas Políticas

A inconformação com um dado regime político pode desencadear atos de violência num contexto social. O atentado contra o Arquiduque do Império Austro-Húngaro, em Sarajevo, em 28 de junho de 1914, foi o estopim para a explosão da Primeira Guerra Mundial. A ditadura da família Somoza deu origem aos distúrbios na Nicarágua. Foram os atos discricionários do antigo Xá da Pérsia Reza Parhlevi que fermentaram a revolução iraniana do Khomeini. Creio bastarem tais exemplos.

b) Causas Econômicas

A notória desigualdade das classes sociais, a má distribuição das rendas de um dado País também se erguem como motivo de distúrbios populares. O povo faminto, onerado por impostos escorchantes, fêz estourar a famosa Revolução Francesa, com a Tomada da Bastilha, em julho de 1792. Tanto como, para solertemente aliviar as tensões sociais, os dirigentes do carcomido Império Romano, ao início do Cristianismo, diligenciavam em distribuir a chamada espórtula aos desocupados que infestavam a Capital dando-lhes pão e circo com os espetáculos dos gladiadores e mesmo dos cristãos lançados às feras.

c) Causas religiosas

Embora tendo como pano de fundo razões políticas e/ou econômicas, o fanatismo religioso em sua intransigência irracional também tem feito eclodir a violência. Exemplo notório está na famigerada Noite de São Bartolomeu quando, em Paris, a 24 de agosto de 1572, a mando da rainha Catarina de Médicis, foram trucidados milhares de huguenotes.

d) Causas educacionais

A infância desvalida, o jovem sem orientação profissional, o menor abandonado, tudo isso agravado pelo êxodo rural contribuirão para colocar mais pimenta no tempêro já salgado das relações urbanas. Carente de pão e de afeto, a criança se sente rejeitada pela sociedade e, na falta de uma segura orientação moral, o jovem acaba se insurgindo contra os padrões vigentes em sua comunidade. De igual maneira, o homem, que vem do interior atraído pelos possíveis encantos da cidade grande, não tendo uma adequada iniciação profissionalizante, perdendo outras vezes o seu emprego nas crises da recessão, também se desajusta e se marginaliza podendo revoltar-se contra o meio em que vive. Mais ainda quando este meio, através dos órgãos de comunicação de massa, estimula o interesse, a vontade, o ardente desejo de cultivar os prazeres da carne, as vantagens que o dinheiro dá. E não o anseio de serem cultivados os ensinamentos de Jesus, os seus exemplos, as regras de sua Moral.

Já se vê que a violência urbana é complexa, delicada, profunda. Para resolver semelhante problema, muitas medidas devem ser postas em prática com desassombro e energia, e o mais breve possível, a fim de não se agravar-se mais e mais.

Muitos insinuam as medidas repressivas mais drásticas, citando até mesmo a necessidade de se adotar a pena de morte. Ouso discordar. Penso como pensava Coelho Neto

SERVIÇO

ao declarar que o carrasco pode eliminar o delinqüente, mas a miséria mantém as condições do crime. E por miséria não estou pensando apenas na carência do pão do corpo mas penso ainda e também na penúria do pão do espírito, em termos de esclarecimento cristão acerca das finalidades da vida, o porquê da existência, detalhes fundamentais que consolam o coração e sobretudo alargam os horizontes da Criatura, fazendo-a voltar para as Leis Morais que regem a vida.

Com base nisto, ousou apresentar algumas páldas medidas de possível solução para a violência urbana. Ei-las:

I) No plano material

É preciso que o nosso comodismo, a nossa indiferença, o nosso orgulho, o nosso egoísmo sintam a necessidade de serem oferecidas a todas as criaturas indistintamente condições mínimas de uma vida digna deste nome, de modo que ninguém viva à míngua dos recursos elementares de garantia de sua sobrevivência física e psíquica. Outra vez deixo ao leitor amigo o convite a consultar Kardec em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, nº 930.

II) no plano moral

É necessário que a infância e a juventude tenham um ensino profissionalizante adequado de modo a se tornarem os moços forças vivas, atuantes, produtivas, no desenvolvimento econômico do País. Destacada seja então a ação conjunta da es-

cola e da família ao lado do investimento de capital na instalação de indústria e comércio, explorando de modo racional os recursos naturais e os pondo ao alcance de todos.

III) No plano espiritual

Surge que, sem nenhuma intenção salvacionista ou de puritanismo extemporâneo, seja intensificado o cultivo dos valores superiores do Espírito com a formação de um profundo sentimento de paz e de respeito aos direitos alheios. Impõe-se a necessidade de que os homens se compenetrem de uma vez para sempre que não-de viver à face da Terra como irmãos; e nunca quais lobos esfaimados. Irmãos, porque filhos de um mesmo Deus, apesar das possíveis diferenças que eles mesmo criaram para pelejas eternas, desnecessárias e odiosas. Numa palavra, faz-se mister sem demora, sem condições, sem rodeios, que a Humanidade esteja disposta a eger **O EVANGELHO** do Cristo como roteiro de suas ações. Aquele Evangelho que enfatiza tanto a Caridade, a Justiça, o Amor, estas virtudes basilares que infelizmente andam tão ausentes, tão distantes de nossos corações! Fora disto — a mim se me parece malhar em ferro frio. É adiar mais e mais o glorioso dia do advento do Reino de Deus no mundo para que a Humanidade seja efetivamente mais feliz!

FONTE

AGORA UM NOVO SERVIÇO PARA VOCÊ

SAA - Serviço de Atendimento ao Assinante

Fone: (11) 5082-3355 de segunda à sexta-feira das 8:30 às 12:00hs

Fax: (11) 5084-9058

E-Mail: luizarmandoferreira@bol.com.br

ENQUANTO VIVEM NA ESCURIDÃO

(3ª Parte)

Rubens Santini Oliveira

Fonte extraordinária de pesquisa sobre a realidade das condições de vida. Além túmulo, as reuniões de desobsessão vão produzindo resultados a Espíritos encarnados e desencarnados. Nesta série, procura o autor situar-nos ante as diferentes situações enfrentadas na prática por integrantes das equipes implementadas no trabalho. Na sequência estão mais alguns apontamentos valiosos para reciclagens ou informação dos interessados.

IX - AMOR E ÓDIO: DUAS FACES DE UMA SÓ REALIDADE.

"Suponhamos que a esposa nos traia, que o filho nos rejeite, que o dinheiro ou o poder nos sejam arrebatados. Passamos imediatamente a odiar os que nos privaram da posse daquilo que amamos ou valorizamos. Com isto, percebemos que amor e ódio são duas faces de uma só realidade, luz e sombra, que em determinado ponto absorveram-se uma na outra, criando uma opressiva atmosfera de penumbra, na qual perdemos a visão dos caminhos e o senso de direção. Para desfazer esse clima de crepúsculo, que agonia e desorienta o Espírito, é preciso ajudá-lo a identificar bem seus sentimentos, a fim de separá-los. Estejamos certos, para isso, de uma realidade **indiscutível**, ainda que pouco percebida: **o amor**, como dizia Paulo aos Coríntios, **não acaba nunca**. Mesmo envolvido, soterrado no rancor e na vingança, ele subsiste, sobrevive, renasce, está ali. O ódio não o exclui; ao contrário, fixa-o ainda mais, porque em termos de relacionamentos homem/mulher, o ódio é, muitas vezes, o amor frustrado. Odiamos aquela criatura exatamente porque parece que ela não quer o nosso amor, porque nos recusa, nos traiu, nos desprezou, porque a amamos... No momento, em que conseguirmos convencer o companheiro desencarnado, em crise, que ele odeia porque ainda ama ele começa a recuperar-se, compreendendo que essa é uma verdade com a qual ele ainda não havia atina-

do. Por mais estranho que pareça, o rancor contra a amada, ou o amado, que traiu ou abandonou, é que mantém acesa a chaminha da esperança. Aquele que deixou de amar é porque não amou bastante e, com menor dificuldade, desliga-se do objeto de sua dor. Cedo compreende que não vale a pena perder seu tempo, e angustiar-se no doloroso processo de vingar-se, dado que – e isto também pode parecer contraditório – não podemos ignorar o fato de que a vingança impõe, também, ao vingador, penosas vibrações de sofrimento.

X - NÚMERO DE MANIFESTAÇÕES SIMULTÂNEAS

Geralmente, quando fazemos a doutrinação a um Entidade incorporada num médium, outras com problemas semelhantes ficam ao seu redor, sendo também beneficiadas com as explanações do doutrinador. Nos relatos de diversos autores sobre este assunto, é aconselhado nos trabalhos de desobsessão a doutrinação simultânea de 2 Entidades. Pela nossa experiência nos nossos trabalhos práticos desenvolvidos, vimos que até 3 manifestações simultâneas é um número bastante aceitável. Não é a quantidade de manifestações que dirá o quanto estamos ajudando o Plano Maior, e sim a qualidade com que elas são ministradas. Às vezes, uma só manifestação mediúnica poderá beneficiar diversas Entidades, com sintomas parecidos, se estas ficam ao lado acompanhando o que está sendo exposto pelo doutrinador. Vejam abaixo alguns textos extraídos de

“DOCTRINAÇÃO” (Roque Jacinto), **“DESOBSESSÃO”** (André Luiz) e **“A OBSESSÃO E SEU TRATAMENTO ESPÍRITA”** (Celso Martins), que falam sobre este assunto.

“Comunicações Simultâneas”

“Numa assembléia de vinte pessoas, se quatro delas se puserem a falar ao mesmo tempo ninguém conseguirá acompanhar-lhes a ordem dos pensamentos. Naturalmente, dentro em pouco, a perturbação tomará de assalto os seus componentes e quem esteja na direção ficará tolhido de estabelecer-lhe disciplina. Na reunião mediúnica, muito especialmente, como organização de serviço e instrução, a disciplina deve ser preservada e estabelecida, não se permitindo que mais do que dois comunicantes se sirvam dos médiuns ao mesmo tempo e cada comunicante será atendido por um esclarecedor destacado pelo dirigente. Nenhuma justificativa se deve arrolar para validar as comunicações simultâneas em grande número. Nem mesmo evocando a necessidade de atender-se a um maior número de enfermos poderá justificar-nos. Será sempre um lamentável desvio de ordem que custará caro, em termos de aproveitamento e de evolução dos membros do agrupamento, (...). Aos médiuns cabe colaborar para esta ordem, contendo os comunicantes afoitos (...).”

“Manifestações Simultâneas”

“Os médiuns psicofônicos, muito embora por vezes se vejam pressionados por entidades em aflição, cujas dores ignoradas lhes percutem nas fibras mais íntimas, educar-se-ão, devidamente, para só oferecer passividade ou campo de manifestação aos desencarnados inquietos quando o clima da reunião lhes permita o concurso na equipe em atividade. Isso, porque, na reunião, é de-

saconselhável se verifique o esclarecimento simultâneo a mais de 2(duas) entidades carecentes de auxílio, para que a ordem seja naturalmente assegurada.(...)”

(...) É desaconselhável se verifique o esclarecimento simultâneo de mais de duas Entidades carecentes de auxílio; se houver ao mesmo tempo duas manifestações, o dirigente, enquanto conversa com um dos desencarnados, designará um médium esclarecedor para dialogar com o outro comunicante; se porventura um terceiro médium de incorporação vier a ser pressionado por outra Entidade em aflição, ele não deverá oferecer passividade, para que não haja tumulto nem quebra da ordem dos trabalhos da sessão. (...)”

“Apontar o mal e comentá-lo é cultivá-lo. Não nos cabe deter-nos nas deficiências dos irmãos infelizes, porque essa atitude nada mais faz do que acorrentá-lo ao cativo e o que eles precisam é de libertar-se. Ninguém edifica, censurando”

“DOCTRINAÇÃO” – Roque Jacintho

“Se se alerta um Espírito de que ele deve amar, quem primeiro ouve o convite somos nós mesmos.”

Divaldo Franco e Raul Teixeira nos esclarecem a respeito do número de comunicações.

Que pensar dos médiuns psicofônicos que recebem Espíritos durante a sessão, um atrás do outro? Será indício de grande mediunidade?

Raul Teixeira: *A mediunidade amadurecida não é identificada pelo número de desencarnados que se comuniquem por um único médium, numa mesma sessão, mas será identificado pelo teor das comunicações, pela qualidade do fenômeno, que demonstrará a maior ou menor afirmação do médium com as responsabilidades da tarefa. Cada médium, quando é devidamente esclarecido e*

maduro para o desempenho dos seus compromissos, saberá que o número avultado de comunicações por sessão poderá indicar descontrolo do instrumento encarnado e não a sua pujança mediúnica. Há médiuns que prosseguem dando passividade a Entidades durante a prece de encerramento, sem qualquer disciplina, quando não justificam que tais Entidades estavam programadas, como se os Emissários do Além, responsáveis por lides tão graves, tivessem menor bom senso do que nós, os encarnados. Um número de até duas comunicações, e, em caso de grande necessidade e carência de outros médiuns, até três, parece bastante coerente. Todos os médiuns, assim terão chance de atender aos Irmãos desencarnados, sem desnecessário desgaste.

(2) Quantas comunicações um mesmo médium pode receber durante a sessão mediúnica de atendimento a Espíritos sofredores?

Divaldo Franco: Um médium seguro, num trabalho bem organizado, deve receber de duas a três comunicações, quando muito, para que dê oportunidade a outros companheiros de tarefas, e para que não tenha um desgaste exagerado. Tenho tido o hábito de observar, em médiuns seguros, conhecidos nossos, que eles incorporam, em média, três Entidades sofredoras ou perturbadoras e o Mentor Espiritual; raramente ocorrem cinco manifestações pelo mesmo instrumento, principalmente num grupo.

XI - SINTOMAS DE ENVOLVIMENTO COM A ENTIDADE

“É preciso, aqui, lembrar que, freqüentemente, o Espírito manifestante é parcialmente ligado ao médium, horas, e até dias inteiros, antes da sessão. Nesses casos, quando se trata de um Espírito desarmonizado, embora a manifestação não se torne ostensiva, porque

isto implicaria admitir mediunidade totalmente descontrolada, o médium sofre inevitável mal-estar físico, dor de cabeça, pressão sobre a nuca, sobre os plexos, sensação de angústia indefinível e, até mesmo, estado febril, prostração, irritabilidade, agressividade e vários outros sintomas de desarmonização psicossomática. O médium experimentado e responsável deve estar preparado para isto. Não se assuste, não se apavore, não tema e, sobretudo não deixe de comparecer ao trabalho por causa dessas dissonâncias psicofísicas, pois é isso mesmo que desejam os companheiros desequilibrados, ou seja, afastá-lo dos trabalhos.” “Obsessão é escravização temporária do pensamento, imantando credores e devedores, que, inconscientemente ou não, se buscam pelas leis cármicas. Pelo pensamento nós nos libertamos ou nos escravizamos.” (“**OBSESSÃO/DESOBSESSÃO**” – Suely Caldas Schubert)

XII - ORAI E VIGIAI, POIS ESTAMOS SENDO ESPIONADOS

“Todos nós, lidadores da desobsessão, não ignoramos que somos vigiados atentamente pelos obsessores. Ao nos ligar a algum caso de obsessão, automaticamente passamos a receber vibrações negativas dos perseguidores invisíveis, que estão atuando na área sob nosso interesse. Somos assim espreitados, analisados, acompanhados. Meticulosamente examinados, eles avaliam a nossa posição espiritual, a sinceridade dos nossos propósitos, a perseverança no Bem, o esforço que estamos despendendo para melhorar e, é claro, as brechas que apresentamos. Nossas falhas e deficiências são observadas e aproveitadas por eles. Têm mesmo a intenção declarada de nos tirar do caminho, empregando, para atingir tal intento, todas as armas de que dispõem. Se estivermos invigilantes, descuidados, princi-

palmente logo após o final do trabalho oferecemos campo às mentes desequilibradas que se acercarão de nós e, encontrando desguarnecidas as nossas defesas, terão possibilidades concretas de conseguir o nosso afastamento e de se regozijarem com a nossa queda. Muitos são os meios usados pelos obsessores, quase todos eles bastante estudados, pois já sabemos que sua ação é organizada. Usam de várias técnicas, insuflando nos integrantes dos grupos as idéias que elaboram. Usam a idéia de comodismo para afastar as pessoas das reuniões, gerando argumentos do tipo: *“as reuniões são boas, mas hoje eu não vou porque já trabalhei muito”, “eu já produzi muito nas reuniões, por isto faltar hoje não faz mal”, “eu sou muito assíduo, todo mundo falta, menos eu”, “estou cansado, vou orar em casa, faz o mesmo efeito”, etc.* São muitos, como é fácil de se imaginar, os recursos empregados, ressaltando-se também as manobras no sentido de aguçar o amor-próprio, o melindre, o personalismo, o apego aos pontos de vista pessoais, a vaidade e toda corte de deficiências que avassalam o Ser humano. Essa a razão pela qual os Benfeitores **Espirituais não se cansam de alertar-nos reiterando a cada dia os apelos à nossa reforma íntima. Somos ainda bastante teóricos, sabendo de cor e salteado páginas, citações, livros, mas pouco conseguimos vivenciar os ensinamentos adquiridos. Os perseguidores estão cientes disso. Sabem perfeitamente o quanto nos é difícil vencer as paixões que nos escravizam, sobretudo nas ocorrências do cotidiano.”**

XIII - POSTURA APÓS O ENCERRAMENTO DA SESSÃO

Devemos ter alguns cuidados especiais, de desobsessão. Vamos evitar fazer qualquer tipo de comentário sobre as Entidades manifestantes, principalmente no que tange a sua

moral. Antes da manifestação, é feito um longo trabalho de preparação pelo Plano Espiritual. O doutrinador faz o maior esforço para que a Entidade compreenda a importância do perdão e de estarmos nos aprimorando para o nosso desenvolvimento. Mesmo após o encerramento das atividades, as Entidades podem ainda estar no recinto. Muitas vezes tem a permissão para acompanhar o médium que deu a manifestação, ou o doutrinador, para verem o seu dia a dia e se realmente praticam tudo aquilo que pregaram a ela. Muitas vezes, uma frase dita impensadamente no encerramento do trabalho, pode por tudo a perder. Abaixo, extraímos um trecho de **“DIÁLOGO COM AS SOMBRAS”** (Hermínio C. Miranda) que faz alguns comentários sobre esta temática:

“Há sempre o que comentar, após uma sessão mediúnica. É preciso, no entanto, que tais comentários obedeçam a uma disciplina, para que possam ser úteis a todos. É que, usualmente, os Espíritos atendidos ainda permanecem, por algum tempo, no recinto. Seria desastroso que um comentário descaridoso fosse feito, em total dissonância com as palavras de amor fraterno que há pouco foram ditas pelo dirigente durante a doutrinação. Os manifestantes, no estado de confusão mental em que se encontram, tudo fazem para permanecer como estão. Embora inconscientemente, desejem ser convencidos da verdade, lutam desesperadamente para continuar a crer ou descrever naquilo que lhes parece indicado. Se percebem que toda aquela atitude de respeito, recolhimento e carinho é insincero, dificilmente poderão ser ajudados de outra vez. (...) Mesmo que a sessão tenha terminado, o comportamento de todos, ainda no recinto, deve ser discreto, sem elevar demasiadamente a voz, sem gargalhadas estrepitosas, embora estejam todos, usualmente, felizes e bem humorados, por mais uma noite de trabalho redentor.” (segue)

FUNÇÃO DO EGOÍSMO NO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Tudo tem a sua utilidade na Natureza. O Universo é teleológico, finalista, busca sempre e em tudo uma finalidade. Os filósofos antifinalistas apoiam suas teorias no erro humano, de todos os tempos, que interpreta a Natureza como criada especialmente para o homem. Esse erro surgiu nas selvas, permaneceu nas Civilizações primitivas e projetou-se nas Civilizações posteriores. Os próprios deuses e demônios de toda a Antigüidade foram postos ao serviço do homem, que embora os reverenciando, pretendiam utilizá-los como seus auxiliares. O Universo tem, naturalmente, uma finalidade única e superior, em que todas as finalidades se conjugam num resultado único.

Mas esse resultado escapa às nossas possibilidades de pesquisa, de compreensão e mesmo de imaginação. A mais inútil das coisas e os mais prejudiciais dos seres são necessários. E ser necessário é ser indispensável, é pertencer a um elo da cadeia inimaginável que Kardec nos apresenta nesta frase tantas vezes repetida n' **O LIVRO DOS ESPÍRITOS: *Tudo se encadeia no Universo.*** Os problemas ecológicos da atualidade, surgidos com o desenvolvimento tecnológico, deram ênfase à importância da Ecologia, ciência das relações entre sujeito e meio e mesmo entre objeto e meio. O meio físico em que vivemos, com seus elementos naturais configurando determinada situação mesológica humana, é formado por uma infinidade de substituições necessárias à vida vegetal e animal. A ignorância do homem a respeito, tentando aniquilar elementos nocivos do meio, provoca o desencadeamento de desequilíbrios perigosos e até mesmo fatais. Minerais, vegetais e animais considerados perniciosos, quando retirados do meio, revelam a sua função necessária e têm de ser repostos ou substituídos por outros que os compensem. Esse delicado equilíbrio das coisas mínimas apresenta-se também nas coisas máximas, como no jogo de forças que sustentam o equilíbrio planetário e o próprio equilíbrio das galáxias no espaço sideral. O mesmo acontece na nossa estrutura corporal, com seus vários aspectos físicos, psíquicos e espirituais. Por isso o Espiritismo é contrário, a todas as práticas de mortificação, extinção, asfixia ou desenvolvimento de fun-

ções, instintos, percepções e poderes inferiores ou superiores na criatura humana. Esta deve ser respeitada em sua integridade, com seus defeitos, deformações, deficiências e assim por diante, cabendo-nos apenas o direito, que é também dever, de auxiliar as criaturas no seu processo natural de aperfeiçoamento e reajustamento, nos rumos naturais da transcendência. Nem mesmo a mediunidade deve ser desenvolvida por supostas técnicas provindas de tradições místicas ou de invenção de pretensos mestres espirituais, O Espiritismo se opõe a todas essas tentativas imaginosas, que podem levar, como tem levado, muitas pessoas a desequilíbrios graves. O egoísmo, a vaidade, o orgulho, a pretensão, a ambição representam elementos negativos da constituição do Ser humano, que devem ser eliminados. Mas essa eliminação não se dá pelos métodos antigos das corporações religiosas, até hoje empregados, apesar dos terríveis malefícios causados. Kardec e os Espíritos Superiores em suas comunicações, consideraram o egoísmo como verdadeira praga que impediu o desenvolvimento real do Cristianismo na Terra. Mas jamais aconselharam métodos artificiais para o combate ao egoísmo. As penitências, os cilícios, o isolamento, as autoflagelações de toda espécie tornaram mais negra a Idade Média e ainda hoje se escondem nas furnas da ignorância religiosa que só serviram para desequilibrar milhões de criaturas que constituem o triste e pesado legado da Antigüidade para o nosso tempo. (...)

As ideologias políticas apresentam fórmulas de efeitos superficiais e na reforma muitas vezes penosa de estruturas, mas o Espiritismo restabelece a técnica simples do Cristo, que toca o íntimo das criaturas para atingir as causas profundas dos desajustes. Em cada reencarnação o Ser repete ao mesmo tempo a filogênese material e espiritual do homem, no desenvolvimento do embrião e na abertura progressiva do egoísmo no meio social. Vejamos os vetores desse processo duplo nas linhas da transcendência:

a) Na magia do amor, reminiscência das atrações misteriosas na selva, o par humano se liga sob a ação de impulsos dos instintos reprodutores e os genes se fundem no ventre materno produzindo o embrião, síntese das formas animais superadas pela espécie. A recapitulação genésica reintegra o Espírito na linha filogenética e restabelece o pivô do **ego** em seu poder centralizador. Na gestação, o paralelismo psicofísico reordena as forças da evolução nos rumos da ascensão. A forma humana resulta das formas anteriores na sublimação do caos instintivo na sua hereditariedade psicobiológica. O Espírito ligado ao caos exerce as funções discriminadoras na conformação do novo Ser, disciplinando as energias conscienciais que marcam as conquistas do passado e as autopunições de erros e crimes anteriores. A Providência Divina envolve o novo Ser em sua bênção com aparência da inocência, que lhe permitirá atrair a afeição dos familiares no restabelecimento de afetividades perturbadas ou aprofundamento das afeições sobreviventes. O novo cérebro está virgem como a tabula rasa dos empiristas ingleses, pronto a gravar um novo rol de lembranças na nova memória em organização. No arquivo do inconsciente (nessa consciência subliminar de Frederich Myers) as heranças válidas permanecem ocultas, mas prontas a emergir na consciência de relação pelo mecanismo das associações de idéias e

sentimentos.

b) Vencida a etapa uterina e a primeira infância, o Ser se mostra pronto a enfrentar as vicissitudes de uma nova existência. Recobrou sua vida terrena nas entranhas da mãe, sob as influências psicofisiológicas do organismo gerador de seu novo corpo. Revela anomalias ou perfeição física e mental, segundo o seu passado. É de novo o centro do mundo e traz em si mesmo os fatores de seu desenvolvimento e amadurecimento. No lar, esses fatores se manifestam desde logo mas vão sofrer as influências modificadoras da família e da escola, para o seu ajuste necessário às novas condições de vida. O instinto de imitação lhe favorece a adaptação ao novo mundo. O ego centralizado volta a abrir-se nessas relações primárias, através do desenvolvimento da afetividade em termos eletivos. Suas preferências são ainda impulsivas, provocadas por fatores ambientais e circunstanciais, mas pouco a pouco se define a linha preferencial da razão em desenvolvimento, revelando as afinidades ocultas. O Ser toma pé na realidade e manifesta as suas tendências vocacionais. É o momento de reintegração nos esquemas frustrados do passado ou de renovação do esquema em face das novas exigências da realidade nova.

c) A crise da adolescência vai revelar em breve a posição ôntica precisa ou indecisa do novo Ser, herdeiro de si mesmo e das contribuições paternas e maternas, familiares e sociais, excitadas pelo meio cultural e reorientadas pela influência espiritual das entidades espirituais que o protegem e o assistem constantemente. Está completa a tarefa da ressurreição na carne. Daí por diante, o novo destino do Ser na transcendência dependerá de sua própria consciência. Ele está preparado e aparelhado para enfrentar os problemas da juventude e suas graves opções da maturidade e seus desafios, da velhice e sua recapitulação de toda a odisséia existencial

que deve tê-lo elevado acima do passado no processo irreversível da transcendência. O egoísmo do adulto será a marca de um distúrbio psíquico: o infantilismo. O altruísmo será o troféu conquistado da sua vitória na escalada evolutiva. Seu regresso à vida espiritual o colocará em face do sua verdadeira situação. Será certamente um vitorioso em muitos aspectos de sua personalidade, mas o fracasso na transcendência do egoísmo lhe mostrará que todas as conquistas secundárias não podem compensá-lo. Terá de voltar à existência terrena em reencarnações de abnegação forçada, não compulsórlas, mas de sua própria escolha, para conseguir a superação difícil do apego a si mesmo. Por sua própria natureza de elemento centralizador da estrutura ôntica, responsável pela sua unidade, o **ego** é a grande barreira contra a qual se quebram os impulsos da transcendência. Seu solipsismo tautológico o transforma numa viragem do Espírito, imantando-o a si mesmo. A parábola do moço rico, no Evangelho, dá-nos o mais claro exemplo do apêgo ao mundo gerado pelo egoísmo nos Espíritos que se deixam fascinar pelas ilusões materiais. O **ego** gera as falsas idéias de superestimação individual, de segregação do indivíduo e sua grei, considerando os demais como estranhos e impuros. Age como um centro hipnótico absorvente, impedindo o Ser

de abrir-se no altruísmo, fechando-lhe o entendimento para tudo o que não se refira aos seus interesses individuais. A vaidade, a arrogância, a prepotência, a insolência, a brutalidade formam no cortejo de estupidez das pessoas egoístas e dos Espíritos egoístas. Por isso, o Espiritismo proclama a caridade como a virtude libertadora, fora da qual não há salvação para o homem do mundo. A mecânica da caridade pode ser de sencadeada, no homem do mundo, por situações aflitivas; de saúde ou de problemas familiares ou financeiros, levando-o a dar, não raro por vaidade, a primeira moeda a um mendigo. Essa doação insignificante abre uma pequena brecha no egoísmo. A seguir virão outras doações mais generosas, até que a fortaleza do **ego** se abale e o Ser orgulhoso possa perceber a sua própria imagem refletida no espelho doloroso de um rosto de pedinte esfomeado. O Espiritismo nos ensina a dar, além da moeda, o nosso amor à toda a Humanidade, sem discriminações raciais, religiosas, políticas e de espécie alguma. A estrutura social da Civilização perfeita não surgirá das mãos dos opressores que tudo prometem, mas das mãos humildes da viúva que depositou a sua moeda pequenina e única no cofre em que os ricos despejaram tesouros para comprar o Céu.

FONTE

Pires, J. Herculano, CURSO DINÂMICO DE ESPIRITISMO, ed. PAIDEIA

RECOMENDAÇÕES OPORTUNAS

“Cada pátria é uma colmeia de trabalhadores, fabricando o mel da sabedoria e da experiência, nos esforços purificadores e dolorosos, a caminho da absoluta união de toda família universal”.

Emmanuel

“Perdoar e esquecer são as duas chaves da paz.”

Agar

O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **"INFORMAÇÃO"**.

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção JUVENTUDE para encontrar o esclarecimento que Você procura.

MUNDOS SUPERIORES

Às vezes, não acredito que estou vivendo num mundo tão violento como o nosso, onde o egoísmo predomina, fazendo vítimas. Gostaria de viver num mundo superior, onde o homem não tivesse mais necessidade de mentir, de corromper e de agredir violentamente seu semelhante por causa de dinheiro. (NEUZA MARISA GENTIL MAE, BAURU-SP)

Acontece, prezada leitora, que não pertencemos à Humanidade por acaso. Este mundo em que vivemos, da forma como se nos apresenta, com todas suas contradições e absurdos, desonestidade e violência, é o mundo que temos construído para nós, ao longo dos milênios. Já não estamos mais num mundo primitivo, porque superamos essa fase inicial da experiência humana, e tampouco nos encontramos num mundo superior, porque ainda não reunimos condições para tanto. O ambiente cultural da Terra retrata exatamente o nível de evolução de seus habitantes, que somos nós. Espíritos superiores, quando reencarnam em nosso Planeta, não são aceitos pelos homens e quase sempre se tornam vítimas de sua incompreensão, justamente porque procedem de um mundo onde o nível moral é bem superior ao da Terra. Por outro lado, nós, que aqui vivemos – hoje, no início do século XXI - ainda não estamos preparados para viver num mundo sem violência e dominação; nossas atitudes e comportamen-

tos feririam logo seus princípios, causariam perturbação e desequilíbrio e nós, não os compreendendo, seríamos desajustados em seu ambiente, do mesmo modo que um troglodita, pela sua condição de homem primitivo, se sentiria perdido e confuso se tivesse que conviver numa família civilizada de nosso tempo.

ESPÍRITO DE VERDADE

Assinante desta conceituada revista, solicitaria especial obséquio de me informarem qual é o certo: "Espírito da Verdade", "Espírito de Verdade" ou "Espírito Verdade". (JOSÉ ESTEVES FERNANDES JUNIOR, CAMPINAS-SP)

Não percebemos haja um consenso em relação ao nome exato do Espírito que, desde o início da Codificação, se manifestou a Kardec . Alguns chegam a afirmar que não se trata apenas de um Espírito, mas de uma falange de Espíritos, mas não é isso que vemos em OBRAS PÓSTUMAS. Traduções brasileiras antigas das obras kardequianas, como O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, de Torrieri Guimarães, revista por Carlos Imbassahy, Editora LAKE, utilizam "Espírito da Verdade". Herculano Pires, Roque Jacintho, Salvador Gentile preferem "Espírito de Verdade". E é com esta mesma grafia que encontramos as traduções da FEB. Aliás, há uma versão dessa obra, editada pela FEB ("L'ÉVANGILE SELON LE SPIRITISME", 3ª edição, revista, corrigida e

JUVENTUDE

alterada) do original francês de 1866 (Dentu, Fred. Henri, librairies, au Palais-Royal), com a subscrição na mensagem inicial “L’Esprit de Verité” (Espírito de Verdade). Enquanto isso, Canuto de Abreu optou por “Espírito Verdade”, conforme apresenta na edição comemorativa do centenário de O LIVRO DOS ESPÍRITOS, texto bilíngüe (francês-português) editado pela Companhia Editora Ismael; Canuto chega a traduzir a palavra “verité”, utilizada nos textos por Kardec, por “Espírito Verdade”, considerando que o Codificador, em OBRAS PÓSTUMAS, chamou de “Verdade” o Espírito orientador que, em 21/03/1856, se comunicou pela médium, Srta. Baudin, dando-lhe oportunas instruções; entretanto, mais adiante, o próprio Kardec, na mesma obra, a ele se refere como “Espírito de Verdade”, que nos parece ser a denominação mais utilizada.

INTERVENÇÃO DA ESPIRITUALIDADE

“ Está chovendo aqui em Viçosa há uns dois dias e, na madrugada de ontem, um barraco foi soterrado, quando o dono saía para ver se havia riscos. Dentro da casa ficaram a esposa, grávida de sete meses e duas filhinhas. Todas morreram. Estou triste e chocada e não paro de pensar se há explicação para tais tipos de fatos. Não seriam os Espíritos de Luz ou Anjos da Guarda desses inocentes capazes de protegê-los?” (JULIANA, VIÇOSA-AL)

Como você se diz espírita, não é difícil responder a sua questão. Quando nos deparamos com um acontecimento, como esse que você citou, devemos procurar avaliá-lo não apenas e tão somente do ponto de vista de seu resultado imediato – para nós, uma lamentável tragédia. A Doutrina Espírita

nos convida a buscar explicação mais ampla nas Leis Naturais que regem a vida e que concorrem efetivamente para a nossa felicidade futura. O sofrimento de hoje pode se tornar num grande benefício amanhã. O que vemos, diante de nós, são fatos isolados de um contexto mais amplo das experiências reencarnatórias dessa mãe e de seus filhos. Não sabemos, no entanto, que realidade existe atrás de tudo isso e que significado esse amargo acontecimento tem na evolução desses Espíritos. Muitas vezes, se soubéssemos as vantagens que se escondem atrás de uma aparente derrota, não quereríamos sequer experimentar o gosto da pretensa vitória. Assim, é possível que esse trágico acontecimento represente um resgate para os Espíritos envolvidos ou mesmo um salto evolutivo na sua jornada reencarnatória. Quanto aos seus Espíritos Protetores, eles têm um papel importante, mas sua capacidade de ação está limitada a leis maiores, essas mesmas que regem a vida de seus protegidos. Em razão disso e diante de determinadas situações, muitas vezes eles não podem mudar o rumo dos acontecimentos e, de outras, eles permitem que tudo aconteça porque sabem que as conseqüências serão benéficas para seus tutelados no futuro, assim como um pai permite que o filho sofra para aprender a viver melhor. Ademais, estudando a Doutrina Espírita, sabemos perfeitamente que a vida é constituída de obstáculos, problemas e desafios a serem experienciados por cada um de nós, ao longo de nossa jornada. Considerar que os “maus acontecimentos” só nos prejudicam seria fazer uma idéia negativa de Deus e achar que Ele se diverte às nossas custas. Leia e reflita sobre as questões 963 e 964 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS.

LEIA, ASSINE, DIVULGUE INFORMAÇÃO

EDUCAÇÃO - O APRENDIZADO DA VIDA

Hermínio C. Miranda

Voltemos, à ligeira retrospectiva na História da Educação. Vimos que alguns pensadores do segundo e terceiro séculos aceitaram a contribuição da cultura geral ao melhor entendimento da fé. Mais do que isso, entendiam mesmo que era pelos caminhos da cultura que o cristão chegaria àquele entendimento. Tais posturas não eram unânimes, pois havia discordâncias. É certo, porém, que dessa época em diante os modelos educacionais em vigor passaram a ser bastante influenciados pelo pensamento religioso, quando não dominados pela Igreja, situação que se prolongaria pelos séculos afora. Aí pela fase final da Idade Média o currículo escolar abrangia as chamadas sete artes liberais e a filosofia, suplementado pelo estudo-dogmático da doutrina católica. A Teologia não alcançara ainda o status de um sistema filosófico orgânico.

As sete artes liberais dividiam-se em dois grupos: o Trivium (gramática, dialética e retórica) e o Quadrivium, espécie de curso superior, onde se ensinava geometria, aritmética, música e astronomia. Ou melhor, o que então era conhecido com esses nomes. Foi somente a partir do século XI, depois de agitada fase de invasões e da turbulência política e social, que a Europa conseguiu estabilidade suficiente para novo impulso educacional. Abelardo (1079-1142) tentou racionalizar a fé, deixando importante contribuição à escolástica, enquanto S. Tomás de Aquino (1225-1274) ordenou a doutrina da Igreja segundo moldes aristotélicos. O escolasticismo acabou exercendo influência positiva na fundação das primeiras universidades européias, mas os modelos educacionais continuavam limitados e um tanto rígidos. O bacharelado e o mestrado em “artes” constituíam condição de acesso a estudos mais nobres, assim considerados, a Teologia, a Medicina e as leis. Na Filosofia e na chave das ciências físicas dominava absoluto o pensamento de Aristóteles. Em Medicina, Galeno e Hipócrates. Seguiu-se novo período de decadência cultural que somente iria receber impulsos renovadores com a Reforma Protestante. É que entenderam os reformadores que chegara o momento de retomar a cultura clássica, a fim de que o cristão pudesse entender e, por conseguinte, melhor praticar, a doutrina de sua escolha. Após veemente controvérsia entre os primeiros protestantes e os humanistas, liderados, respectivamente, por Lutero de um lado e por Erasmo de outro, coube a Philipp Melanchthon (1.497-1560), humanista e protestante, promover a conciliação das duas

correntes. Sob sua influência direta ou indireta, as Universidades foram reorganizadas e algumas criadas. Os modelos educacionais então implementados prevaleceriam durante dois séculos e, em alguns casos, até mais do que isso. Assim, alternando períodos de decadência com momentos de retomada, os processos educacionais continuaram a sofrer as influências dos tempos e dos pensadores. O próximo grande nome na História da Educação foi o de Jean Jacques Rousseau, que com a sua obra EMILE produziu importante documento, a despeito de suas óbvias limitações. Entendia Rousseau que o Ser humano é intrinsecamente bom e que, deixado aos seus próprios recursos, alcançaria fatalmente a felicidade, o que é, no mínimo, uma visão superotimista e irreal da natureza humana. O grande educador, cujo vulto se destaca a seguir, é o de Pestalozzi (1746-1827), figura de particular interesse para os espíritas, pois foi na sua famosa escola de Yverdon, na Suíça, que Hippolyte-Léon Denizard Rivail — o futuro Allan Kardec — passou alguns anos decisivos da sua formação cultural e humanística. — Os alunos gozavam de grande liberdade — escreveu Roger de Guimps, que ali estudou de 1808 a 1817 — as portas do castelo permaneciam abertas o dia todo, e sem porteiros. Podia-se sair e entrar a qualquer hora, como em toda casa de uma família prevaleciam disso. Eles tinham, em geral, dez horas de aula por dia, das seis da manhã às oito da noite, mas cada lição só durava uma hora e era seguida de pequeno intervalo, durante o qual ordinariamente se trocava de sala. Por outro lado, algumas dessas lições consistiam em

ginástica ou em trabalhos manuais, como cartonagem e jardinagem. A última hora da jornada escolar, das sete às oito da noite, era dedicada ao trabalho livre; as crianças diziam: *On travaille pour soi*, e elas podiam, a seu bel-prazer, ocupar-se de desenho ou de geografia, escrever a seus pais ou por em dia seus deveres. (“Allan Kardec”, Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, Ed. FEB.) Por tudo isso diria Kardec anos mais tarde que “o programa de toda uma ordem social só realizaria o mais absoluto progresso da Humanidade, se os princípios que eles exprimem pudessem receber integral aplicação”. Achava o grande educador suíço que “o amor é o eterno fundamento da educação”, princípio esse que ele traduziu em ação, assumindo a responsabilidade de dar abrigo e instrução a crianças carentes e abandonadas, às vezes sob as mais adversas condições, pois não dispunham de recursos próprios. Em sua obra LEONARDO E GERTRUDES, em quatro volumes, expôs suas idéias acerca dos problemas humanos de sempre, pregando uma reforma social, moral e política. Em COMO GERTURDES ENSINA SEUS FILHOS, publicada em 1801, concentrou-se no problema específico da educação, que deveria ser ministrada a partir de dois princípios básicos: 1) o de que o pensamento preciso e claro depende de observação atenta de objetos reais; 2) o de que palavras e idéias, portanto, só fazem sentido quando relacionadas com coisas concretas. Preconizava, portanto, um estudo prático e objetivo, voltado para a realidade dos fatos. Por isso o currículo do Instituto de Yverdon dava ênfase especial às práticas de desenho, composição, canto, exercícios físicos, declamação (mais em grupo do que individual), modelagem, colecionamento, traçado de mapas e excursões pelo campo. Aspecto de particular relevo nas inúmeras idéias que seu pioneirismo pôs em prática foi o da instrução graduada segundo a capacidade do aluno, cujo potencial era desenvolvido em grupamentos afins. De certo modo, esse conceito seria retomado mais tarde por Lewis Madison Terman (1877 — 1956), nos Estados Unidos,

psicólogo especializado em testes de inteligência. Terman desenvolveu técnicas próprias e criou a expressão QI (Quociente de Inteligência). A aplicação de seus testes ia revelando inteligências acima da média (100) que, a seu ver, mereciam e precisavam de tratamento educacional diferenciado, a fim de poderem desenvolver todo o seu potencial. Terman considerava da maior importância para a sociedade identificar, tão cedo quanto possível, crianças bem dotadas, a fim de encaminhá-las para melhores oportunidades de educação. Em 1921 selecionou 1500 crianças com QI superiores a 140 — 0,5% da população — e acompanhou o desenvolvimento intelectual do grupo durante os restantes 35 anos de sua existência. Suas conclusões merecem respeito: tornou-se evidente que as crianças talentosas apresentavam uma tendência a serem mais saudáveis e emocionalmente mais estáveis do que a criança média, e que a capacidade intelectual confirmava-se na idade adulta. O Espiritismo não se surpreende com tais conclusões. As crianças são Espíritos reencarnados e trazem, obviamente, uma experiência subjacente de inúmeras vidas. Aqueles que se devotaram com maior assiduidade e esforço ao trabalho intelectual em vidas anteriores reencarnam-se com mais robusta estrutura mental, a não ser que renasçam com o cérebro físico danificado em razão de compromissos cármicos ainda em aberto. Espíritos de elevada condição intelectual, como Einstein, Descartes, Beethoven ou Leibnitz, para citar um mínimo, em qualquer nova experiência na carne, virão indubitavelmente dotados de cérebros portentosos pois trazem tais conquistas já consolidadas no veículo primário do Espírito imortal (o perispírito) que irá servir de organizador biológico ao veículo secundário (o corpo físico). A idéia básica de Terman desdobrou-se e frutificou. O ensino foi (e continua sendo) ministrado nas escolas comuns ao estudante de mediana capacidade, como se a turma fosse intelectualmente homogênea, o que somente poderia ocorrer se houvesse uma seleção prévia. Sem esse cuida-

EDUCAÇÃO

do preliminar, os grupos estudantis contêm sempre uma taxa mais ou menos previsível, tanto de crianças com variada gradação de deficiências intelectuais, como excepcionalmente bem dotadas. Na verdade, o conceito de excepcionalidade tanto se aplica à faixa inferior do QI quanto à faixa superior. Há três grupos distintos, portanto, no universo escolar **1)** aqueles que apresentam deficiências intelectuais, **2)** os que se situam na faixa média, certamente a maioria e **3)** os que se posicionam na faixa elevada, para a qual Terman encontrou um índice de 0,5% da população como vimos há pouco. Tais grupos, obviamente, apresentam-se com necessidades diferentes e precisam de tratamento diferenciado. Numa classe heterogênea, com o ensino ministrado em padrões medianos, a criança deficiente não tem condições de acompanhar a turma, ao passo que a criança bem dotada acaba perdendo o interesse pelas matérias lecionadas e pelo estudo em geral, que não lhe oferece condições de desafio e espaço para a sua criatividade e exercício de sua inteligência. Com isto, muitos jovens bem dotados deixam de realizar todo o potencial de que dispõem por pura falta de estímulo intelectual. Ao que se observa, Pestalozzi foi o primeiro educador a identificar o problema e a tomar as medidas correspondentes para tirar melhor partido das diversas técnicas educacionais.

Atualmente existem escolas inteiramente dedi-

cadas ao ensino dos bem dotados, tanto quanto escolas especializadas na educação de crianças da faixa excepcional deficiente. Isto não quer dizer que estes últimos sejam Espíritos retardados ou mais primitivos. Podem até ser altamente intelectualizados e inteligentes aprisionados em corpos físicos que lhes inibem o exercício de todo o potencial de suas mentes. Razões de ordem cármica estão aí em operação e, se for possível mergulhar no passado de cada um, vamos certamente descobrir as causas que acarretaram tão dramáticos efeitos. Alguém que tenha, por exemplo, abusado do seu poder mental para dominar, corromper e ludibriar o próximo, há de contar com uma ou mais existências em que venha mentalmente inibido em corpo físico dotado de cérebro deficiente. Essa é a lição que nos proporciona a realidade hoje inquestionável da reencarnação. Não que tais situações sejam punitivas ou de castigo, mas sim de reajuste, oportunidade de recuperação e progresso concedida repetidamente ao Espírito para refazer aquilo que não fez bem feito no passado, ou seja: são oportunidades de reeducação. Que outra maneira teriam as Leis Divinas de trazê-lo de volta ao caminho reto, se, de um lado, não lhe é possível desfazer o erro cometido e, de outro, a própria consciência exige reparação da harmonia perturbada pelo desatino?

FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE “INFORMAÇÃO”

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA “CASA DO CAMINHO”, Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 20,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

NOME:

ENDEREÇO:

CIDADE: **ESTADO:** **CEP:**

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número apostado no canto superior direito da etiqueta de endereçamento.